



**UnB**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES – IDA  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS – VIS  
GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

***Bordados em sala de aula***

Isabela Azevedo Teixeira

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Lopes de Souza

**Brasília**

**2018**

Isabela Azevedo Teixeira

***Bordados em sala de aula***

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos para o curso de graduação em licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Lopes de Souza

**Brasília**

**2018**

Aos que me proporcionaram a vida e à minha filha Lola, canina

## **Agradecimentos**

Obrigada por todos que não me deixaram desistir- talvez vocês poderiam ter insistido mais, a minha zona de conforto agradeceria.

Obrigada ao tempo, que me auxiliou em momentos de desalento, pois todos eles passaram.

Obrigada ao Karma, pois apesar de toda essa jornada ter sido desconfortável, desafiadora e algumas vezes difícil, agora estou livre disso e vejo um progresso, como algo necessário a ser passado. São estrias de crescimento e não comilança.

Obrigada ao meu orientador que me norteou e instruiu e em momentos que eu desafiei a paciência dele, ele continuou seu trabalho com ética e primor.

Obrigada UnB por me fazer uma pessoa mais esperta e ávida para o mundo.

Obrigada IdA por me mostrar uma parcela de mim que não quer existir.  
E  
nem precisa. Há outros planetas nesse Universo para explorar agora.

## **Resumo**

Esta pesquisa apresenta uma análise sobre o bordado- sua trajetória no Brasil e em outros países também; analisa-se possibilidades de ser inserido em sala de aula, no ensino formal. Foi visitada a escola Waldorf Moara para maiores análises sobre como era o funcionamento do bordado em sala de aula, como é inserido pelos educadores e como é recebido pelas crianças. Esta instituição foi a única visitada pois não obtive conhecimento sobre alguma outra que trabalhasse com esse tipo de manualidade. A professora responsável esclarece que primeiro o bordado foi introduzido aos pais e responsáveis para ajudá-los a ter um conhecimento mais intrínseco sobre o que seria ensinado aos alunos. Logo após essa experiência, foi incorporado no ensino formal, nas aulas de Artes Manuais. As propostas apresentadas neste trabalho se baseiam na entrevista realizada na escola Waldorf e nas pesquisas aqui mencionadas, incluindo propostas que se embasam nas dificuldades apresentadas pela escola mencionada em relação ao ensino do bordado.

**Palavras-chave: Bordado; Ensino formal; Manualidades**

### **Abstract**

This research presents an analysis about embroidery - its trajectory in Brazil and in other countries as well; it discusses the possibilities of being inserted in the classroom, in formal education. The Waldorf Moara school was visited for further analysis of how embroidery works in the classroom, how it is inserted by educators, and how it is received by children. This institution was the only one visited because I did not know about any other that worked with this type of manuality. The responsible teacher clarifies that embroidery was first introduced to parents and guardians to help them gain a more intrinsic understanding of what would be taught to the students. Soon after this experience, it was incorporated into formal teaching in the Handicraft classes. The proposals presented in this paper are based on the interview conducted at the Waldorf School and the research mentioned here, including proposals that are based on the difficulties presented by the mentioned school regarding the teaching of embroidery.

**Keywords: Embroidery; Formal Education; Crafts.**

### **Lista De Imagens**

**Figura 01:** Obra sem título de Mana Morimoto, bordado sobre papel com imagem, 2013

**Figura 02:** Obra sem título de Pedro Luis, bordado sobre foto e tecido, 2017

**Figura 03:** Obra sem título de alunos da escola Waldorf Moara, bordado sobre papel, 2018

**SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO.....	09
1 Sobre o Bordado: histórico e artistas.....	11
1.1.1 Breve histórico do Bordado: das origens ao Brasil.....	15
1.2.1 Artistas que bordam.....	16
1.3.1 Redescoberta.....	18
2 Experiências educacionais ou propostas.....	22
3 Plano de aula.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	32
VIDEOGRAFIA.....	35
ANEXOS.....	36

## INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do uso do bordado na educação em artes. Apesar de ser comum associar Artes à pintura, desenho e escultura, há tantas outras variantes que a compõem, como por exemplo o bordado, o qual inclui técnicas relacionadas ao desenho, cores, espacialidade, sombreamento entre outros. O primeiro contato que eu tive com as agulhas, linhas e bastidor foi fora do ambiente acadêmico, em um oficina para aprendizado de pontos básicos, há alguns anos.

Fui para preencher meu tempo ocioso durante as férias e como costureira, senti que seria uma área próxima, como uma ramificação da costura e tive uma rápida e intensa identificação. Pude perceber que está se popularizando novamente, pois em feiras de artesanato e artes em geral, sempre tinha alguém comercializando algumas peças, estava presente em reportagens de revista, e sendo praticado por colegas de faculdade. Após conhecer o Clube do Bordado na internet, realmente tive certeza que estava em voga.

Comecei então a entrar mais intimamente nesse universo, descobri *workshops* e encontrei cursos especializantes. O que mais me chamou atenção, principalmente em relação ao bordado tradicional foi a mistura de técnicas: fotografia, aquarela, bordados de grandes dimensões em muros nas ruas, ou seja, esse ar peculiar e atual que os bordados de alguns anos e décadas anteriores não possuíam. Apesar de todas essas informações e miscelâneas, ainda não tinha uma clara ideia de que isso poderia ser aplicado em sala de aula, até ver um trabalho feito por pais de uma escola particular e a notícia que fora confeccionado justamente em um curso voltado para os responsáveis e em breve seria aplicado para os alunos. Pude perceber que o bordado poderia ser o meio ou até mesmo o fim para aprender muito mais do que simples pontos: história da arte, fotografia e ilustração, além de questões com temas da sociedade contemporânea, como o papel do feminino na conjuntura atual, machismo, independência financeira (principalmente em relação às mulheres), sexualidade e preconceitos. Tudo isso desenvolvido através do bordado então talvez seja uma boa ideia introduzir aos alunos, durante as aulas de artes.

Esse trabalho é dividido em 3 capítulos, o primeiro trata sobre a história do bordado, como ele se diferencia entre culturas distintas e alguns artistas; o segundo capítulo aborda sobre experiências educacionais e o último capítulo é uma proposta concreta do ensino formal do bordado para as crianças e adolescentes, com dois planos de aula.

## **CAPITULO 01**

### **Sobre o Bordado: histórico e artistas**

#### **1.1 Breve histórico do Bordado: das origens ao Brasil**

Primeiramente, é válido dizer o que significa o bordado: é uma ornamentação feita através de agulhas com fios, onde se criam formatos e texturas variadas num suporte capacitado (exemplos: tecido, folhas, pele, papel). Essa ornamentação pode ser realizada manualmente ou por meio de máquinas de costura. Ela tem início depois da invenção da agulha, ainda na Pré-História, durante o período Mesolítico, quando uniram peles com fios fibrosos. (OLIVEIRA, 2013). Esta atividade ainda se reduz ao claro objetivo de manter-se aquecido, mas logo passou a incluir elementos decorativos.

Seguindo para idade antiga, essa “costura adornada” ganha um nível de maior complexidade e deixa sua função prática de união, para servir apenas à ornamentação. Aos babilônicos se confere o título de primeiro povo a se dedicar ao desenvolvimento do bordado, posteriormente superados em reputação pelos egípcios. Homero menciona, na Ilíada, os bordados de Andrômaca e Helena. Propagado pela Europa, o Bordado se torna popular nas vestes gregas e conseqüentemente nas romanas, sendo por suas qualidades visuais, comparado a pintura. Encontramos no antigo testamento algumas passagens que descrevem o comércio de bordados e outros produtos têxteis entre o oriente e o ocidente. (NAVAL y AYERBE, 1922 apud BORDADO)

Durante a Idade Média o bordado era associado à ostentação traduzida nas vestimentas e presentes diplomáticos dos membros sacerdotais da Igreja Católica, e essa arte têxtil era bem difundida principalmente na Inglaterra, sendo a alta habilidade dos artesãos desse país vastamente conhecida pelo continente europeu. Ao final do século 16, por causa do rompimento do rei Henrique VIII com a Igreja, a procura por decoração sacra com bordado diminuiu consideravelmente, mas, em contrapartida, a demanda da aristocracia por vestimentas e adornos domésticos aumentou e alguns

membros chegavam a contratar designers especializados para decorar os vestidos (quase sempre com motivos de flora e fauna e narrativas

bíblicas). A produção de bordados era realizada por homens, mulheres e crianças. As jovens moças da nobreza eram ensinadas pontos mais elaborados como parte do preparativo quando se tornarem futuras esposas. Saber bordar era considerado como atributos de piedade e diligência. Na era Tudor, destacam-se os bordados com fios de ouro e o uso de pedrarias que tanto se localizavam em mangas, golas, luvas e pequenas bolsas quanto em vestidos inteiros; os pontos mais comuns eram “ponto atrás, haste e duplo”. Mais tarde, durante a era elizabetana, foi fundada a *Worshipful Company of Broderers*, em que apenas homens eram admitidos como membros, mas há evidências que mulheres também participavam e ainda é atuante nos dias atuais, com eventos de caridade e moda.

Outro lugar notório pelo *embroidery* é o Japão, que chegou ao país através da China e Korea, pela rota da seda há mais de 1.600 anos. Tradicionalmente, o *nihon shishu*, como é chamada a técnica pelos japoneses, era usado na decoração de cerimônias religiosas e nos kimonos e obi (parte do kimono que se assemelha a um cinto e tem a função de dobrar o tecido remanescente) das Senhoras da Corte durante o período Heian (794-1185). Com o tempo foram desenvolvidas técnicas japonesas exclusivas, revelando qualidade e características únicas. Na era Meiji (1868-1912), o *shishu* foi aprimorado e se tornou mais delicado e preciso com detalhes cada vez mais realistas.

Em 1970, o mestre Iwao Saito se dedicou a construir uma escola voltada apenas para a aprendizagem da prática do bordado, onde abrigava somente os alunos mais dedicados. Para se tornar um profissional na área, eram necessários 5 anos de comprometimento e os alunos desenvolvem tanto a parte mais técnica quanto a sensibilidade mediante atividades de jardinagem. “Ao aprender a cultivar vegetais você estará apto a aprender sobre a beleza da natureza e nós também nos instruímos sobre apreciação através dela”. Relata Shuji Tamura, o sucessor do mestre Iwao Saito e aprendiz por 19 anos. Ele decidiu expandir as fronteiras e compartilhar seu conhecimento fora de seu país de origem pois considerava que essa arte não poderia ficar inexplorada por mais mil anos, então nos Estados Unidos, em Atlanta, foi fundado o Centro de Bordado Japonês, uma organização educacional sem fins lucrativos que visa preservar e promover a cultura patrimonial

dessa arte. A técnica ensinada é a “NUIDO”, onde “nui” se refere à habilidades técnicas e conhecimento, enquanto “do” alude aos 3 pilares: racionalidade, sensibilidade e espiritualidade. Com o amparo da tecnologia e estudos de composição e luz de mestres da Renascença, Tamura desenvolve designs e novas padronagens para compartilhar em suas aulas. Ele enfrentou algumas dificuldades ao introduzir o shisu na América, principalmente na questão do silêncio então implementou a meditação antes da prática. Para o bordadeiro Robert Haven, a prática do bordado japonês vai além de realizar corretamente o pontos, tem quase uma conexão espiritual.

Assim como o chá, o judô e muitas outras atividades no Japão tradicional, o bordado japonês enfatiza o pensamento filosófico. As melhores bordadeiras japonesas sempre costuram com seu espírito; suas mãos têm uma relação próxima com o coração. Ao integrar a ação e a crença, o bordador torna visível o que está no coração por meio de suas mãos; criando obras de arte a partir de nada que existia antes. Cada trabalho é um espelho da alma e os especialistas podem avaliar o estado do espírito, observando o que fizeram com as mãos. Esta arte da criação é específica do homem; reflete o que o artista está pensando ou sentindo, às vezes com alegria, às vezes com tristeza. O bordado japonês, com seu design elegante e história profunda, oferece um local para as pessoas se retirarem e se refrescarem, e dá paciência e disciplina. Sua beleza pode desenvolver harmonia e equilíbrio interior, que dão coragem para enfrentar dificuldades. O Nuido ajuda a desenvolver esses dois sentimentos. (Edna Zhou e Siting Ke, 2014).

No Brasil, o ensino do bordado está diretamente ligado ao feminino. A história da educação da mulher no país ajuda a compreender um pouco mais desse processo. Com a chegada dos Jesuítas (e outros religiosos), o ensino era monopolizado pela Igreja e com a intenção clara da catequese para os homens. A presença feminina era rara e a mensagem estava clara: casamento, lar e submissão aos homens da família, como pais e cônjuges.

Inclusive os índios questionavam sobre a ausência das mulheres no processo de escolarização e a Corte Portuguesa teve como resposta: No século XVI, na própria metrópole não havia escolas para meninas. Educava-se em casa. As portuguesas eram, na sua maioria, analfabetas. Mesmo as mulheres que viviam na Corte possuíam pouca leitura, destinada apenas ao livro de rezas. Por que então oferecer educação para mulheres ‘selvagens’, em uma colônia tão distante e que só existia para o lucro português? (Ribeiro, 2000, p.81).

Foi apenas em 1755 que uma decisão portuguesa fez com que a coordenação dos jesuítas passaria pelo crivo do clero e determinou que a existência de duas escolas separadas por gênero dos estudantes, afim de que pudessem ler e escrever. Foi um longo caminho para que as mulheres pudessem efetivamente ter acesso à educação e se deu com a reforma pombalina, a vinda da Família Real para o Brasil, que trouxe um maior interesse para o ensino e após a Independência, teve a Lei Geral de 15 de outubro de 1827, que uniformizou as escolas de primeiras letras, com a distinção das matérias para as meninas, as quais não eram lecionadas geometria, conhecimento julgado então mais masculino e as matérias tidas como “femininas” eram direcionadas apenas para elas, como as prendas domésticas, incluindo o saber da costura e do bordado. Um século adiante, o direcionamento do ensino dado às mulheres continuava com a incumbência da vida voltada para o lar e agora também para a carreira de professora então entre 1930 e 1940, foi implantado um curso denominado “Normal”, que as preparava para essas atividades.

Durante o processo de colonização do Brasil, além de portugueses, vieram holandeses e alemães que também influenciaram no bordado. Caicó, no Rio Grande do Norte tem uma tradição de bordadeiras e pode-se identificar claramente a semelhança do estilo de bordado do arquipélago da Ilha da Madeira, localizado em Portugal. A tradição do bordado nessa região começou por volta do século 19 e em 1860, existiam cercas de 70 mil bordadeiras e ainda hoje há uma economia ativa em volta dessa atividade. Para Queiroz (2011), o bordado e outros trabalhos têxteis foram inseridos em grande parte pelos portugueses e tinham como intenção se sobrepor à cultura local, aumentando assim o poder de dominação da cultura européia sobre as diversas culturas nativas. Há várias perspectivas sobre esse assunto e Stimamiglio diz “[...] às tradições trazidas pelos imigrantes europeus, [italianos] referentes ao artesanato, contribuição mais específica de uma prática feminina, que, além do trabalho desenvolvido para auxiliar no sustento da família, deixou marcas culturais nos trabalhos manuais, agregando a ele também um valor estético.” (2010, p. 07). Com a reformulação do currículo para o Ensino Médio, Ensino Fundamental e Infantil, algumas matérias antes obrigatórias foram extintas. Isso fez com que o bordado

ficasse mais estrito a comunidades que já trabalhavam no ramo e se tornou um saber passado entre gerações via oral ou livros muitos específicos.

## 1.2 Artistas que bordam

Artur Bispo do Rosário (1909-1989), considerado hoje um dos mais significantes artistas brasileiros, teve uma trajetória à parte da educação formal voltada para as Artes. Natural de Japaratuba, trabalhou em diversos ramos no Rio De Janeiro, cidade para a qual ele se mudou em 1925. Um surto psicótico o levou a ser diagnosticado com esquizofrenia paranóide e encaminhado para a Colônia Juliano Moreira, local de convivência para pessoas com problemas mentais. Resultado do surto foi uma mensagem divina que, segundo ele, o próprio Jesus apareceu em volta de anjos e lhe concedeu a tarefa de reformular o Universo para ser mostrado a Deus, no dia do Juízo Final.

O intuito da instituição era dar uma vida cotidiana produtiva e útil para os pacientes que não mais se adequavam ao convívio externo com facilidade e alguns tinham autorização pra sair durante o dia e retornar ao enoitecer. Contabilizando entradas e saídas do então manicômio, Artur viveu lá por volta de 40 anos, até sua morte e foi durante esse período que ele produziu 806 obras, que foram posteriormente expostas no Brasil, Europa e América do Norte, além de representar o Brasil na Bienal de Veneza. “Ele criava esses objetos tendo como preocupação a estética. Utilizou a escrita nas obras como elemento pulsante. Ao recorrer a essa linguagem manipulou signos e brincou com a construção de discursos, fragmentando a comunicação em códigos privados. Trata-se de um gênio sem precedentes na história da arte nacional” (REALI, 2011) diz o respeitado crítico de arte Paulo Herkenhoff. Entre elas assemblagens, obras com diversos materiais que eram trocados ou dispensados na Colônia, montagens e bordados e para estes utilizava linhas desfiadas de roupas de cama e uniformes. Seu trabalho mais icônico, o *Manto da Apresentação*, ele preparou para o Juízo Final, como um presente para Deus que representava os homens e as coisas existentes; no manto constam nomes, pessoas, passagens da Bíblia, notícias de jornal e mais elementos. Se recusava a ser chamado de artista pois considerava o teor de suas obras divino. Durante todo esse tempo, não participava de terapias, não tomava remédios e se negava a falar com os médicos: “Eu sou Deus, não falo com doente.”

Se é um manto ou não, pode parecer uma questão sem importância. Não obstante, a designação 'manto' encobre a natureza do arquétipo social sobre a qual Bispo do Rosário elaborou. Esta obra nasce da imitação de uma peça do vestuário da nobreza: parte da roupa de um rei, ou de um general do exército real. Só o paletó interessa, pois nele se concentram os elementos simbólicos ostentatórios de poder e nobreza, como dragonas, bordados, condecorações. [...] o que temos aqui é a apropriação pelo artista de um objeto-símbolo que a seus olhos traduz riqueza, beleza, nobreza, [...]. Vista desse ângulo, esta obra de Bispo do Rosário é, como expressão artística, uma manifestação surpreendente por sua originalidade e força semântica. (GULLAR, 2003).

Letícia Parente (1930-1991) foi não só foi uma das precursoras da video-arte no Brasil mas também trabalhou com gravuras, fotografias, xerox, instalações e pinturas. Foi professora na área de química, a qual tem o título de doutora e aos 40 anos ingressou no ramo artístico através de oficinas de arte as quais se intensificaram cada vez mais ao se mudar para o Rio de Janeiro. Segundo seu filho, André Parente, uma professora em particular deixou marcas, Anna Bella Geiger, de quem ela herdou um certo tipo de poética conceitual na qual se dissolve a separação entre os aspectos visuais e conceituais da obra, entre arte e vida, arte e política. (PARENTE, 2014). Quase todos os seus vídeos possuem certos atributos em comum, como a ausência de falas e ambientação em um espaço que teoricamente alude a afazeres relacionados ao lar e à figura feminina. Fazendo um recorte de seu legado ao focar no video-performance *Marca Registrada* de 1975, que por meio de linha e agulha, ela borda em seu próprio pé a frase 'made in Brazil', que a curadoria de Art Basel explica:

(...) O objetivo do trabalho é materializar a ideia de reificação do indivíduo, um aspecto característico da sociedade na atualidade da história. Reificação implica pertencer. A pertença, no entanto, transcende a reificação devido à conexão profunda e impenetrável com a pátria. A marca pode se assemelhar ao ferro em brasa para indicar a posse do animal, mas também é a base para a estrutura sobre a qual um indivíduo sempre será constituído em sua historicidade: quando se está na sola do pé". (Art Basel, 2017)

José Leonilson Bezerra Dias (1957-1993) foi um artista fortalezense que se expressou por meio de desenhos, esculturas, pinturas, instalações e, inclusive, bordados. Cursou educação artística na Fundação Armando Álvares

Penteado em São Paulo e em seguida foi pra Europa, onde expôs e teve mais contatos com mais artistas e críticos de artes. Ao regressar para seu país de origem, é diagnosticado soropositivo e seu trabalho tem reflexos sobre isso, pois te tornou cada vez mais autobiográfico, retratando a subjetividade e assuntos desconfortáveis, como a morte, o amor, a dor e a solidão.

Talvez seja concessão à moda afirmar, num dos painéis, que Leonilson praticou uma arte do incômodo. Seu domínio e uso da palavra são dessa natureza - o que, aliás, o singulariza em toda a arte brasileira. Do papel ou tecido, suporte bidimensional, a palavra pode extravasar para objetos. (ARAUJO, Olívio. 2011)

Rosana Paulino (1967-) se utiliza em seu trabalho de temas como o racismo, a violência doméstica, os conflitos com o próprio corpo e as pressões para adequar-se aos padrões de beleza bombardeados cotidianamente. Traços autobiográficos se misturam com representações imagéticas generalizadas sobre a mulher num ambiente doméstico, deixando espaço aberto para interpretações de rebaixamento e um ser sem voz ativa e operante. O racismo e a figura feminina são contextualizados em obras que também exprimem a dor, o sofrimento com o intuito de expor os costumes nefastos, como por exemplo em sua obra denominada Bastidores, em que há a fotos impressas em papel quase translúcido retratando mulheres negras com partes do rosto cerradas por linhas abruptas e desordenadas, no bastidor. Paulino explica em suas próprias palavras:

“no meu caso, tocaram-me sempre as questões referentes à minha condição de mulher e negra. Olhar no espelho e me localizar em um mundo que muitas vezes se mostra preconceituoso e hostil é um desafio diário. (...) Linhas que modificam o sentido, costurando novos significados, transformando um objeto banal, ridículo, alterando-o, tornando-o um elemento de violência, de repressão. O fio que torce, puxa, modifica o formato do rosto, produzindo bocas que não gritam, dando nós na garganta. Olhos costurados, fechados para o mundo e, principalmente, para sua condição no mundo” (PAULINO, 2005 )

### 1.3 Redescoberta

O retorno da valorização das atividades manuais, porém com ares mais contemporâneos ainda é considerada uma novidade. Há mais ou menos 5 anos, a procura por cursos on-line, seja em plataformas pedagógicas como o EDUK, que cobra por aulas-vídeo, seja com tutoriais free no Youtube, cresceu

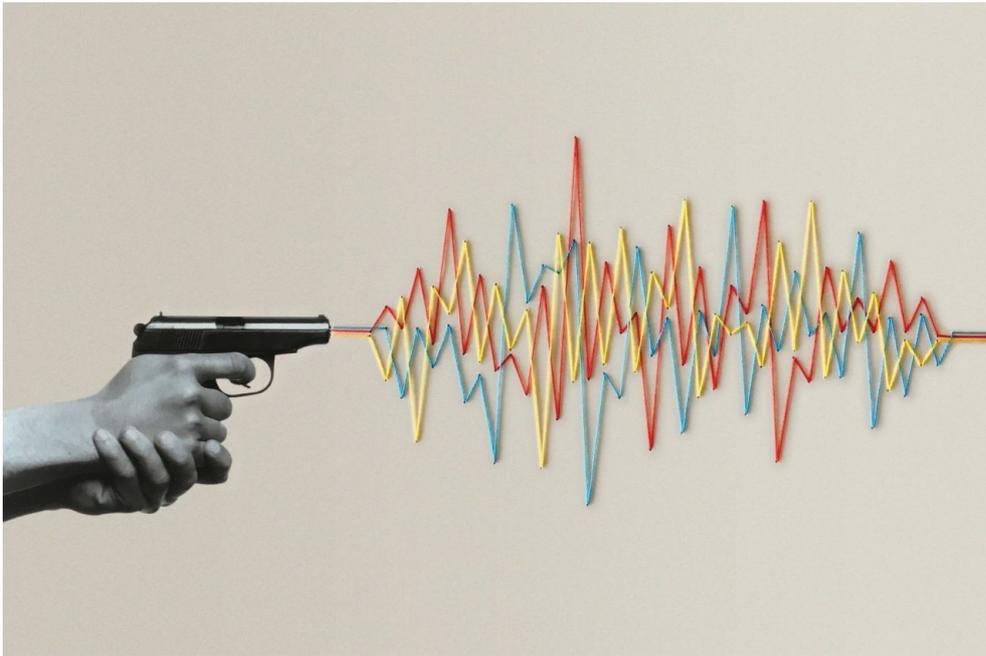
bastante. O Clube do Bordado é um grupo de 6 mulheres que começaram a se

reunir para bordar, conversar, trocar experiências e por fim, criou-se um vínculo e então elas fundaram uma escola num espaço físico. As 6 integrantes do Clube do Bordado deixam bem claras seus propósitos que incluem o resgate dos saberes e fazeres dos trabalhos manuais, como anunciam em seu site. Aproveitam a existência da internet e a aproveitam para dividir saberes e sapiências, sempre visando os meios educacionais e o empoderamento do trabalho manual. Também realizam workshops pelo Brasil e no exterior, além de manter o canal do Youtube com aulas que ultrapassam as 85 mil visualizações mensais. Giselle Quinto, artista visual brasileira que reside atualmente na Holanda, comercializa ilustrações e bordados que vão desde 80 euros até 400. “Se antes o bordado seria associado a uma espécie de submissão feminina, em tempos recentes ele poderia estar ligado ao oposto, significando a independência sócio- econômica.” (FERREIRA, 2014).

Mana Marimoto (1988-) é uma artista têxtil japonesa que utiliza retratos P&B para bordar. Ela se utiliza desde referências da cultura pop à imagens históricas de seu país e executa obras com composições formidáveis por meio de cores intensas, contrastes e ressignificações. Atualmente Morimoto também está dedicando seu tempo às técnicas de tecelagem, as quais possui trabalhos tão incríveis quanto os bordados, apresenta motes geométricos e coloridos. Com exposições e publicações na América do Norte e no Japão, ela relata:

(...) Comecei a trabalhar com tópicos, porque eu estava infeliz com a minha vida e sentia o desejo de fazer algo com as minhas mãos. Minha arte é a terapia. Sinto que finalmente encontrei algo em que sou boa e que quero continuar. Isso não significa que eu estou sempre feliz com o resultado, mas o processo de costura e tecelagem sempre me faz sentir melhor. E se alguém vir meu trabalho e encontrar algo com o qual possa se conectar, isso é incrível! (Traduzido para o português. MARIMOTO, 2013)

Figura 01



Mana Morimoto, obra sem título. Bordado sobre papel com impressão, 2016. Fonte: <http://www.blckdmnds.com/mana-morimoto/>

Pedro Luis (1989-), um dos poucos artistas do sexo masculino aqui mencionados, é carioca, escolheu a publicidade como primeira graduação mas após deixar a carreira participar de um retiro Hare Khrishna, resolveu descobrir sua linguagem mais artística e fez o curso de Artes Plásticas. Produziu alguns trabalhos com colagens e desenhos mas apenas se sentiu que estava encontrando seu próprio caminho quando uniu a agulha, linha e fotos vintage. Assim como Marimoto, Luis encara a atividade de uma forma terapêutica ao afirmar: O trabalho artístico com tecido e linha tem a propriedade de curar. Tratar das memórias bordando é uma terapia. É uma forma de ser resiliente. (LUIS, 2017).

Em um dos processos artísticos envolve a aquisição de fotografias antigas na metrópole na qual reside, São Paulo, mas encontrou barreiras relacionadas à curta existência dos retratos, que datavam de a partir de 1940. Em uma viagem ao continente europeu, obteve acesso em documentos visuais que remetem do século passado até 1.800. “Muitas fotos que resgato parecem já estar a caminho do esquecimento e do lixo. Eu dou mais uma oportunidade para elas se perpetuarem e irem pra frente.” (LUIS, 2017), explica. Nesse processo inclui o processo de uma nova significação a partir da compra de uma foto que pertenceu a alguém relacionado ao passado, com histórias e bagagens emocionais atreladas.

Figura 02:



Pedro Luis, obra sem título. Foto e bordado, 2017. Fonte: <https://followthecolours.com.br/art-attack/pedro-luis-bordados/>

Seu trabalho tem um arquétipo nitidamente conceitual e declaradamente autobiográfico, mas ele cita que, para além de exposições, executa encomendas pessoais e alguns trabalhos para empresas expressivas, como a rede Globo, McDonalds e Twitter.

“Vejo os trabalhos sob encomenda como algo mais comercial, um espírito parecido

de quando uma loja ou uma empresa me pede para fazer uma parceria. Encaro isso como um trabalho o que não deixa de ser artístico” (LUIS, 2017).

## Capítulo 2. Experiências educacionais ou propostas

Ao procurar e pesquisar instituições de ensino no Distrito Federal que fazem uso do bordado em suas aulas, encontrei apenas uma escola que possui essa manualidade em seu currículo: Escola Waldorf Moura, localizada na 703 norte. Apesar de ser particular, é mantida por uma entidade civil, sem fins lucrativos. Esta entidade é composta de uma diretoria a qual é escolhida por assembleia com participação dos responsáveis pelos alunos e por professores. Como a Pedagogia Waldorf difere um pouco das demais, é preciso entendê-la antes de adentrar no quesito do bordado. Ela foi criada pelo austríaco Rudolph Steiner (1861-1925) para atender a um pedido de um diretor de uma fábrica na Alemanha, que desejava uma escola para os filhos dos funcionários. Steiner baseou sua pedagogia na Antroposofia (a tríade fé, ciência e sabedoria humana, uma linha de pensamento que vê o homem como algo que ultrapassa o matéria) e diversos outros estudos filosóficos entre eles Johann Wolfgang von Goethe, cujos escritos sobre ciências naturais Steiner ajudara a organizar. (GONZAGA, 2009). A Pedagogia Waldorf também é conhecida como pedagogia curativa ou educação terapêutica e tem como principal objetivo observar e participar do desenvolvimento desde a tenra idade até quando este se torna juvenil, sempre levando em conta suas necessidades particulares de cada período de progresso, sempre levando em consideração as diferenças físicas e espirituais de cada aluno. Steiner sempre se posicionou contra a educação em massa e justamente para combatê-la, buscou o caminho da individualidade de cada faixa etária enquanto enalteceu e valorizou os educadores.

No currículo das escolas Waldorf há forte ênfase para os trabalhos manuais e para o artesanato, como tricô, costura, bordado, jardinagem além de eiritmia e aulas de instrumentos musicais. O ensino teórico é sempre conduzido juntamente com a parte prática, com foco nas ações

corporais, artísticas, sempre respeitando as limitações relacionadas à idade. Nessa premissa, prevalece a atividade ciência, e o progresso de habilidades, cultivando a arte e os valores morais e espirituais necessárias ao ser humano, e não a aglomeração de conteúdos de forma mecânica e automatizada. Segundo essa linha educacional, para alcançar a constituição do ser humano, a educação tem que proceder de forma a estimular o desejo do “querer” através de atividades que envolvam o corpo, em todos os momentos de aula que sejam possíveis. Em seguida, vem a ação de “sentir”, que se é absorvida se absorvida e explorada a partir de tarefas de ordem prática ligadas aos fazeres manuais. Por último, exercita-se o “pensamento” que vem de forma gradativa, iniciando a partir da imaginação a qual é incitada no decurso de fábulas, narrativas e contos até a forma de pensar se transfigurar para o abstrato, bastante usufruído em anos escolares finais, como o Ensino Médio.

A Pedagogia Waldorf transcende a mera transmissão de conhecimento e se converte em sustentação do desenvolvimento integral do educando, cuidando que tudo o que se faça tenha como meta a transformação de sua vontade e o cultivo de sua sensibilidade e intelecto. Desse modo, procura-se estabelecer uma relação harmônica entre desenvolvimento e aprendizagem, fazendo confluir a dinâmica interna da pessoa com a ação pedagógica direta, ou seja, integrando os processos de desenvolvimento individual com a aprendizagem da experiência humana culturalmente organizada. (GONZAGA, 2009)

Ao contactar a escola para ter acesso a mais informações sobre o assunto requerido para a realização deste TCC, reparei que um grupo de professoras estavam bordando durante o momento que as crianças estavam se entretendo no parquinho. Indaguei se alguma delas também lecionava aquela atividade para os alunos e diante uma resposta negativa, procurei a responsável pelo ramo. As professoras em questão alegaram que seus alunos eram muito novos para tal atividade, porém elas gostavam de praticar nas horas mais tranquilas, como aquela, em que apenas observavam as crianças em seu momento de lazer. Marquei uma entrevista com a Professora de Artes Manuais Deydimar Batista e durante quase meia hora completa, conversamos e refletimos sobre como o bordado atua na vida das crianças, como ela encara essa atividade e quais são os empecilhos ao longo dessa jornada. Para começar, ela

é pedagoga formada também se especializou em Waldorf (necessário ter essa habilitação específica para poder atuar como educadora em escolas Waldorf) aulas de tricô, costura, bordado e kântale- instrumento musical de origem finlandesa. Logo no começo, a professora Deyd, como gosta de ser chamada, já deixou bem claro que sua relação com as linhas e agulhas começou bem antes de seus estudos formais, pois já era prática costumeira em sua família há alguns anos, sua avó, mãe e tias sempre bordavam e em seu lar havia sempre a presença de ornamentos feitos à mão. Ela começou na escola Waldorf Moara de Brasília como professora do Ensino Infantil e em momentos vagos se dedicava aos feitos que o bastidor lhe proporcionava. Iniciou então uma oficina de bordado exclusiva para os pais e percebeu o prazer que era proporcionado. Tempos depois, passou a se dedicar às crianças maiores, a partir da

4ª série, e dentro desse currículo específico, o bordado. Deyd relata que os alunos não tiveram ao Universo feminino e antigo e inclusive alguns meninos estavam com mais facilidade que as meninas. Ela descreve que a atividade é apresentada de forma muito leve e lúdica, com histórias e brincadeiras, portanto não há traumas no processo e certamente não abre muitas brechas para conceitos pré-concebidos. As aulas de bordado começam no quarto ano com duas aulas semanais, em sistema bimestral, e há o tempo da introdução, logo após vem o desenvolvimento do projeto principal e no quarto bimestre a questão mais abordada é o acabamento/ finalizações. No final do ano organiza-se, para arrecadar fundos para a escola, o Bazar de Natal.

Antes de chegar ao momento de traçar linhas e desenhos sobre o bastidor, a professora propõe a realização de degradês em aquarela e giz de cera, ou seja, primeiramente é feito um estudo sobre cores, suas famílias, sensações. Esse estudo prévio é profícuo pois levam esse aprendizado para o bordado, desde o momento de selecionar a paleta de cores que será usada até às suas intenções e propósitos, além de passar de algo mais espontâneo e desprendido como a mistura de tons aquareláveis para algo que exija uma motricidade mais apurada e mais atenção também, como o caso do uso das agulhas.

Essa arte manual é introduzida especificamente no quarto ano pois é por volta dessa época que as crianças já possuem uma capacidade para,

neurologicamente, fazer alguns cruzamentos mais aprofundados além de ter uma motricidade mais fina, juntamente mais capacidade de concentração.

Trata-se, então é um momento de abstração, de compreender para onde vai cognitivamente está aliada estão aprendendo com a matemática e as frações que eles concomitantemente em outras aulas. O objetivo maior é auxiliar nesse pensamento abstrato que eles estão começando a dar um passo mais além dentro da própria matemática.

Figura 03:



Trabalho de alunos da escola Moara, obra sem título. Bordado sobre papel, 2018.  
Fonte: Arquivo Pessoal.

Ao ser interpelada sobre as dificuldades mais recorrentes que ela enfrentava ao ministrar esse tipo de conteúdo, a professora Deyd foi categórica: concentração e o exercício da vontade. Ela alega que as crianças nos dias atuais estão com pouca concentração e muita dispersão, logo o maior obstáculo é instigar o exercício da vontade e do querer. Ela relata que a zona de conforto é um fator que

também gera uma adversidade<sup>28</sup> pois alguns não querem

ultrapassar o limite do agradável e do cômodo, sendo assim quando se encontram numa situação desafiadora ou entendida como “difícil”, eles tem o ímpeto de não quererem mais. Ela atrela esse comportamento às facilidades e superficialidade que vivem hoje, que influencia tanto os adultos quanto os infantes.

## **Capítulo 3. Planos de Aula**

### **Plano de Aula 1**

#### **Bordado: conhecendo pontos e possibilidades**

**Etapa:** Ensino Fundamental, 8º e 9º anos; Ensino Médio 1º e 2º anos

#### **Introdução:**

Apresentar de forma sucinta um pouco da história do bordado. Mostrar alguns dos artistas mencionados nesse trabalho e suas obras com power Point somente com imagens e títulos. Levar os alunos para alguma área verde dentro ou nos arredores da escola.

#### **Objetivos:**

1. Os alunos deverão aprender pontos básicos (haste, atrás, nó francês e corrente) para criar um bordado
2. Os alunos deverão construir uma obra coletiva, cada um borda uma frase ou um desenho, sem conversar mas escutando uma música com ondas binaurais para auxiliar na concentração, cada um com seu próprio dispositivo de fone de ouvido.
3. Os alunos deverão expor seus argumentos de forma objetiva e clara ao conectar seu trabalho com os demais e comentar como foi a experiência: se a música realmente ajudou, se eles se sentiram mais relaxados ou não e avaliar a experiência.

#### **Materiais:**

- projektor
- telão
- computador
- bastidor
- agulha
- linhas com cores diversas
- pedaços quadriculares algodão cru 7x 7 cm, lisos, sem estampa ou desenhos

-pedaços quadriculares de algodão cru 7x7 cm, com o traço em caixa alta e vazado com a primeira letra do nome de cada aluno e embaixo seu nome em uma fonte diferente

-caneta específica para bordado, que risca sobre o tecido e desaparece com o calor

-fone de ouvido individual

-caneta esferográfica

-papel A4 recortado em tiras

### **Atividade:**

Parte 1: Ensinar os pontos básicos (haste, atrás, nó francês e corrente) no pedaço de algodão cru com o risco prévio.

**Parte 2:** A turma será dividida em dois grandes grupos. Cada aluno de cada grupo receberá um pedaço de papel com uma pergunta e deverão expressar-se, individualmente, em forma de desenho ou com uma frase no pedaço de algodão cru disponível, com os pontos que aprenderam previamente. Ninguém pode compartilhar o conteúdo do papel recebido até o final da atividade.

**Parte 3:** Quando todos estiverem com seus bordados terminados, devem expor todos numa só superfície e, coletivamente, criar uma narrativa associando cada desenho com uma frase e então revelar qual era o conteúdo do papel recebido. Perceber as conexões que podem ser realizadas, analogias e antagonismos. Por fim, costurar estas ligações, formando grande bordado.

### **Avaliação:**

- aprender e aplicar pelo menos 2 pontos (não importa se foi dentro ou fora do risco proposto, o importante é mostrar que está hábil para realizar no mínimo dois pontos

- fazer conexão do seu trabalho com o do colega

### **Plano de aula 2**

**Personificação: bordado e pintura para mais perto do corpo**

**Etapa:** Ensino Fundamental, 8º e 9º anos; Ensino Médio 1º e 2º anos

**Introdução:** Trazer a prática do bordado para mais próxima do cotidiano, através da personificação de vestimentas. Iniciar a aula com slides que mostrem principalmente a utilização desses ornamentos nas indumentárias em outros períodos históricos e na atualidade.

**Objetivos:**

1. Os alunos deverão fazer estar com os olhos blindados e utilizar a aquarela e água para criar formatos abstratos na blusa branca para depois criar um bordado em cima. Deverão escolher duas cores e apenas trabalhar com elas, sentindo os lugares que estão mais diluídos e espaçados dos mais concentrados de tinta, acompanhando o ritmo das músicas previamente selecionadas.
2. Os alunos deverão retirar as vendas dos olhos e observar o que foi criado a partir de movimentos guiados pelo som, cada um deverá comentar o que foi sentido durante a vivência.
3. Os alunos deverão personificar um bordado na sua própria peça de roupa assim que a aquarela secar.

**Materiais:**

- projektor
- telão
- computador
- bastidor
- agulha
- linhas com cores diversas
- caneta específica para bordado, que risca sobre o tecido e desaparece com o calor
- uma camisa branca para bordar
- som com trechos de músicas clássicas, agitadas (exemplo: Fur Elise de Bach e Ludwig Van Beethoven 5ª Sinfonia em Dó Menor)

**Avaliação:**

- explicar dois argumentos sobre a vivência: um negativo e outro positivo
- realizar um bordado no qual o aluno possa se identificar

### **Considerações finais**

Discutiu-se, nesse trabalho, a trajetória do bordado, desde os relatos provenientes do Japão Império até artistas contemporâneos brasileiros. Exemplificou também práticas pedagógicas que envolvem essa atividade dentro de sala de aula formal, elucidando que existem possibilidades tangíveis de aplicar o tema desse trabalho em classe, para alunos, sendo estes crianças, inclusive. Chegou-se, enfim, à conclusão sobre de que é viável de adicionar o bordado e tantas outras práticas artísticas manuais ao currículo escolar, adaptando-se à formas e abordagens diferentes. Com a percepção que os alunos podem ficar dispersos durante uma atividade manual que não é habituado, ter outros estímulos além do visual podem contribuir para um melhor desempenho da atividade, assim como a mudança de ambiente (saindo da sala de aula e ir para mais perto de ambientes naturais). Percebe-se que o bordado pode constituir tanto o meio pelo qual será introduzido um possível desenvolvimento de um pensamento crítico como também o fim, como representante de uma obra em si finalizada. Esse trabalho proporcionou novas perspectivas sobre a aplicabilidade tanto dentro quanto fora de sala de aula e expandiu a aspiração de colocá-lo em prática.

## BIBLIOGRAFIA

ART Basel, *Letícia Parente*, 2017. Disponível em:<[https:// www.artbasel.com/catalog/artwork/60757/Let%C3%ADcia-Parente-Marca- Registrada-Trademark](https://www.artbasel.com/catalog/artwork/60757/Let%C3%ADcia-Parente-Marca-Registrada-Trademark)>. Acesso em: 05 nov. 2018.

ARTUR Bispo do Rosário. Enciclopédia Itaú Cultural. 2017. Disponível em: <[http:// enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10811/arthur-bispo-do-rosario](http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10811/arthur-bispo-do-rosario)>. Acesso em: 10 out 2018

ALBUQUERQUE, Naiara. *Quem é Leonilson, artista cearense que terá sua obra reunida em catálogo de luxo em 2017*. Jornal Nexo, São Paulo, 19 mar.

2017. Disponível em:<Link para matéria: [https://www.nexojornal.com.br/ expresso/](https://www.nexojornal.com.br/expresso/)

2017/03/19/Quem-%C3%A9-Leonilson-artista-cearense-que-ter%C3%A1-sua-obra-reunida-em-cat%C3%A1logo-de-luxo-em-2017>. Acesso em :27 nov. 2018.

ARAUJO, Olívio. *Amor, doença, morte: a vida na obra de Leonilson*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 28 abr. 2011. Disponível em:<[https:// cultura.estadao.com.br/ noticias/geral,amor-doenca-morte-a-vida-na-obra-de- leonilson-imp-,711776](https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,amor-doenca-morte-a-vida-na-obra-de-leonilson-imp-,711776)>. Acesso em: 05 out.2018.

CLAUS, Marta. *“Existência e Arte”* - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano II - Número II – janeiro 2006. Disponível em: <[https://bit.ly/ 2SoxKXS](https://bit.ly/2SoxKXS)>. Acesso em: 10 out. 2018.

FERREIRA, Isabella. *Bordando Histórias, Construindo Narrativas: Um Breve Relato de estudos sobre a prática do bordado no Brasil*, São Paulo. In: VII Simpósio Nacional de História Cultural, 2014. Anais eletrônicos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <[http:// gthistoriacultural.com.br/ VIIsimposio/ Anais/ Isabella%20Karim%20Morais%20Ferreira.pdf](http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Isabella%20Karim%20Morais%20Ferreira.pdf)>. Acesso em 20 out. 2018.

GONZAGA, Ana .*Rudolf Steiner: o defensor da sensibilidade*. Revista Escola, Ed. Abril, São Paulo, ed.228, 25 dez. 2009.

Disponível em:

<[http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/94-publicacoes/321-steiner-](http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/94-publicacoes/321-steiner-defensor-sensibilidade)

[defensor-sensibilidade](http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/94-publicacoes/321-steiner-defensor-sensibilidade)>. Acesso em 19 out 2018

JENKNER, Jan. *Pedro Luiss, artista visual: "O bordado tem a propriedade de curar"*. O Globo, São Paulo, julho, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/pedro-luiss-artista-visual-bordado-tem-propriedade-de-curar-21548951>>. Acesso em: 10 out. 2018.

LEONILSON . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8742/leonilson>>. Acesso em: 29 Set. 2018. [http://cral.in2p3.fr/artelogie/IMG/article\\_PDF/article\\_a246.pdf](http://cral.in2p3.fr/artelogie/IMG/article_PDF/article_a246.pdf)

MANA Morimoto's hand-stitched photographs. Phaidon, 2013. Disponível em:<<http://www.phaidon.com/agenda/photography/articles/2013/december/05/mana-morimotos-hand-stitched-photographs/>>. Acesso em 29 nov. 2018.

MARINHO, Joseanne. *Entre letras e bordados: o tecer das tramas na história das normalistas em Teresina*. 2008. 183 f. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal do Piauí. Disponível em:< <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp095293.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MARQUES, Tatiana. *Identidade tecida: Rosana Paulino costurando os sentidos da mulher*. Revista Estúdio, Lisboa, v.7, n13, 2016. Disponível em:

<[n e g r a h t t p : / / w w w . s c i e l o . m e c . p t / s c i e l o . p h p ? s c r i p t = s c i \\_ a r t t e x t & p i d = S 1 6 4 7 - 6 1 5 8 2 0 1 6 0 0 0 1 0 0 0 1 0](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-61582016000100010)>. Acesso em: 30 out. 2018.

MORIMOTO, Mana. *Art Writer's*. Artchipel, 13 nov 2013. Disponível em:<<https://www.artchipel.com/post/66868793825/art-writers-wednesday-6-tumblr-artist-mana>>. Acesso em: 29 nov. 2018

MORIMOTO, Mana. *fiber art all day everyday, 2012*. Disponível em: <<http://manamorimoto.tumblr.com>>. Acesso em 29 nov. 2018.

OLIVEIRA, Andréia. *A história do vestuário - os costumes de cada época*. Centro de Produções Técnicas, 2013. Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/cursos-confecaoderoupas/artigos/a-historia-do-vestuario-os-costumes-de-cada-epoca>>. Acesso em 20 set. 2018

PARENTE, André. "ALÔ, É A LETÍCIA?". eRevista Performatus, Inhumas, ano 2, n. 8, jan. 2014. ISSN: 2316-8102. Disponível em: <<https://performatus.net/estudo/leticia-parente/>>. Acesso em: 20 nov 2018.

PAULINO, Rosana. Artista Visual, Pesquisadora e Educadora, São Paulo. Disponível em: <<http://www.rosanapaulino.com.br>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

QUEIROZ, K. G. O tecido encantado: o cotidiano, o trabalho e a materialidade no bordado. In: RIBEIRO, M. C.; MENESES, M. P. (Coord.). Pós-colonialismos e cidadania global. Coimbra, Portugal: Universidade de Coimbra, 2011. (Cabo dos Trabalhos, n. 5). Disponível em: <[http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n5/documentos/5\\_KarineQueiroz.pdf](http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n5/documentos/5_KarineQueiroz.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2018

REALI, Heitor. *O evangelho segundo bispo*. Revista Planeta, n.470, novembro 2011. Disponível em <<https://www.revistaplaneta.com.br/o-evangelho-do-bispo/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

SOUSA, Maísa. *O Bordado como linguagem na arte/educação*. 2012. 41f. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Artes Plásticas)- Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2012. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4494/1/2012\\_MaisaFerreiradeSousa.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4494/1/2012_MaisaFerreiradeSousa.pdf)>. Acesso em 30 out. 2018.

STIMAMIGLIO, Neusa Maria Roveda; ROVEDA, Fernando. *Bordando Sonhos*. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2010, p.07. Acesso em 20 nov. 2018.

XAVIER, Clara. *O Artista Pedro Luis Prova Que É Possível Construir Uma Arte Autobiográfica E Crítica Através Das Linhas Do Bordado E De Fotos Antigas*. Heloisa Tolipan, São Paulo, 21 nov. 2017. Disponível em: <<https://heloisatolipan.com.br/arte/o-artista-pedro-luis-prova-que-e-possivel-construir-uma-arte-autobiografica-e-critica-atraves-das-linhas-do-bordado-e-de-fotos-antigas/>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

ZHOU, Edna. *Nuido: The Way of Japanese Embroidery*. Art of silk, 2011.  
Disponível em: <<https://www.artofsilk.com/blogs/news/15254777-nuido-the-way-of-japanese-embroidery#.W6LEvC3OrR0>>. Acesso em: 30 set. 2018

**VIDEOGRAFIA**

ITAÚ Cultural. *Leonilson, sob o Peso dos Meus Amores (2012)- documentário*. 2018. (43m09s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8TKHN2LcChA>  
<https://www.youtube.com/watch?v=73Tger78zSg>>. Acesso em 02 out. 2018.

JAPONESE Embroidery Center. *Nuido, The Way of Embroidery*. 2011. (6m19s). Disponível em:<[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=39&v=t97IJO8LtjQ](https://www.youtube.com/watch?time_continue=39&v=t97IJO8LtjQ)  
<https://www.youtube.com/watch?v=J5RakZ433wA>>. Acesso em 02 out 2018.

TV Cultura Digital. *Leonilson- Metrópolis*. 2014. (3m26s). Disponível em:<[https://www.youtube.com/watch?v=FgkzABwtr\\_8](https://www.youtube.com/watch?v=FgkzABwtr_8)>. Acesso em 02 out. 2018.

## **ANEXOS**

Entrevista concedida pela professora Deydimar Batista, na Escola Waldorf Moara em 30 de outubro de 2018.

### **1-Pergunta: Qual seu nome?**

Deydimar Batista, formada em Pedagogia e também em Pedagogia Waldorf, que é específica dessa escola.

### **2- Pergunta: Qual sua relação com o bordado?**

Comecei com a Educação Infantil e mesmo lá, eu bordava bastante com as crianças e a minha mãe e a minha avó sempre foram muito ligadas às manualidades, todo tipo de costura, tricô, crochê e bordavam também então isso fez parte da minha formação. Então quando eu comecei a atuar como professora mesmo no Jardim De Infância, eu quando tinha um tempinho, eu tava bordando lá na frente das crianças e comecei a fazer oficinas de bordados com os pais e eles foram descobrindo um prazer muito grande em bordar e foi muito legal esse processo todo de iniciar os pais no trabalho manual. Fiquei 10 anos com os trabalhos manuais aqui Customização com bordados também, então a partir do 4º ano tudo que eles vão fazendo eles fazem nos detalhes de bordado só se aprofundando bordado mas é assim o que é o presencial tanto comigo com as pessoas que eu vi sim é muito terapêutico iniciar os pais no trabalho manual e a eu passei 10 anos na educação infantil aqui e agora eu ensino manualidade para as crianças e no quarto ano específico o bordado currículo de manualidades aí para o quarto ano é só bordar aí depois eles vão se especializando quando chega no sétimo ano eles estão com costura em máquina e aí eles fazem a customização com bordados também então eles a partir do 4º ano tudo que eles vão fazendo, eles fazem nos detalhes de bordado só se aprofundando bordar, mas é assim, é muito terapêutico, é sanador, é meditativo, é um tempo de tempo diferente que eles vivenciam na escola, nas aulas das crianças eles adoram

### **3- Como os alunos reagem, eles acham que é assunto de vó, coisa de tia...**

Engraçado eles têm dificuldade alguns mais outros menos mas eles não têm preconceito ou preconceito vem muitas vezes mais dos Pais que questionam por que que você tem que aprender mas eles não, inclusive os meninos muito se mostram até mais habilidosos que as meninas. Entre eles não tem preconceito. Eles têm sim tem mais dificuldade mas aí a forma de aplicar é muito lúdica, a gente não trazer trauma nisso, tudo muito leve com uma brincadeira ou com história e sem perceber vão aprendendo.

#### **4- A qual seu principal objetivo a ser atingido com bordado e eles?**

No quarto ano ele já tem uma capacidade para, neurologicamente, fazer alguns cruzamentos mais específicos e aprofundados então o bordado é aquela primeira agulha que eles vão trabalhando quando estão com 9, 10 então inicia o bordado com 10 anos, o que é uma idade dentro da pedagogia Waldorf mais apropriada para iniciar o bordado porque tem uma agulha menor e exige uma motricidade mais fina uma atenção mais concentrada porque trabalha com cruzamentos então é um trabalho de abstração, de entender para onde vai né então cognitivamente e ali ele está aliada matemática, às frações que estão aprendendo nesse tempo a questão de estar abstraído; de ter esse entendimento de para onde vai o próximo ponto onde que vai entrar o próximo ponto qual que é o movimento então ali no quarto ano é melhor momento então o objetivo maior desta nesse início é de auxiliar nesse pensamento abstrato que eles estão começando agora a dar um passo mais além dentro da própria matemática ela bastante e tem também uma coisa do corpo né porque a gente começa com ponto cruz que é o mais fácil e aí você tem um cruzamento que é uma como se fosse, cada ponto, uma afirmação do "eu" então a gente vai chamando a criança para mais presença, mais atenção, ela deve conhecer cada repetição desse cruzamento, é como se tivesse se auto afirmando no movimento interno.

#### **5- tem alguma coisa com bordado que você gostaria de fazer com eles que você ainda não fez?**

Então eu acho que para o quarto ano a gente tem uma possibilidade bem bacana e fazer alguns outros tipos de pontos agora no final do ano segundo semestre já estão bordado almofada e eles não aprenderam vários outros tipos de ponto e assim aí tem algumas crianças que conseguem avançar mais. Mas o básico todos aprendem. temos objetivos e currículo a ser também trabalhado, não é assim qualquer coisa me livre, tem um projeto para ser desenvolvido ao longo do ano na base principal. Tem uma margem, o mínimo até o onde eles podem ir e dentro do quarto ano a gente consegue desenvolver isso bem. Eu sinto que para os maiores do segundo ciclo do fundamental e talvez até o ensino médio seria também muito bom e a gente faz pouco, faz menos. Porque eles bordam mais detalhes, customizam mas eu acho que falta um pouco mais de tempo para eles aproveitarem porque eu sinto que é muito prazeroso, digo assim, dos trabalhos manuais. Quando chega no quarto ano eu sinto que bordar é como se fosse mais prazeroso e essa relação também vejo quando a gente faz as oficinas com os adultos com os pais é muito prazeroso .

#### **6- Quais pontos você ensina a eles?**

O primeiro o projeto principal é o ponto cruz, eles fazem uma bolsa de ponto cruz, o que é um trabalho grande aí depois eles vão começando com os pontos básicos, como o ponto haste, correntinha, ponto atrás, ponto cheio, rococó e este é o mais rebuscado que eles aprendem.

#### **7- Como ele se encaixa no plano de aula? você estava comentando que tem alguns projetos.**

Então, aqui nessa escola, tem o privilégio de ter as artes manuais como parte da grade horária do primeiro ao nono ano. Então tem um currículo específico para cada idade e aí bordado começa no quarto ano, eles tem duas aulas semanais e é como se fosse bimestral mesmo pois no primeiro bimestre tem tempo de introdução, no segundo e terceiro já é um desenvolvimento do projeto principal e o quarto bimestre já é mais acabamento, sinalizações e no final do ano a gente tem um Bazar De Natal e tem algumas crianças que até conseguem produzir para vender no bazar. É mais

ou menos esse o trajeto. Dentro do segundo e terceiro bimestre que eles conseguem fluir porque no primeiro você tem aqueles que pegam muito rápido e aqueles que demoram muito para pegar então você tem mais ou menos 1 primeiro bimestre para todo mundo entender a técnica.

### **8- Você mistura técnicas , talvez bordados e Aquarela... ou outras...**

Sim, porque dentro desse trabalho do bordado, eles que já estão trabalhando mais estabilidade fina e eles vão trabalhar principalmente com sensibilizar o olhar para as cores

Customização com bordados também, então a partir do 4º ano tudo que eles vão fazendo eles fazem nos detalhes de bordado só se aprofundando bordado mas é assim o que é o presencial tanto comigo com as pessoas que eu vi sim é muito terapêutico iniciar os pais no trabalho manual e a eu passei 10 anos na educação infantil aqui e agora eu ensino manualidades para as crianças e no quarto ano específico o bordado currículo de manualidades aí para o quarto ano é só bordar aí depois eles vão se especializando quando chega no sétimo ano eles estão com costura em máquina e aí eles fazem a customização com bordados também então eles a partir do 4º ano tudo que eles vão fazendo eles fazem nos detalhes de bordado só se aprofundando bordar, mas é assim é muito terapêutico, é sanador, é meditativo, é um tempo de tempo diferente que ele vivenciam na escola, nas aulas das crianças eles adoram

### **9- Qual seu maior desafio ao ensinar bordado para os alunos?**

Hoje em dia as crianças elas estão cada vez com menos com força de ficar concentrado, estão cada vez mais dispersa e elas tem essa dificuldade de permanecer né eu vejo que o maior desafio é trazer para elas o exercício da vontade que elas têm intenção de exercitando esse querer. Para algumas, esse desafio é maior assim, elas cansam muito rápido, já não querem muito insistir porque o limite dela é curto, de se manter concentrada e de exercitar o querer então quando fica "difícil", elas não querem mais, só querem o que está confortável, agradável e toda essa questão tem a ver com tudo o que eles estão

vivendo hoje hoje em relação à facilidade e superficialidade. Então o maior desafio é realmente o exercício da vontade.

#### **10- Como você entrou em contato com o bordado?**

Eu sempre tive isso na família principalmente do lado da minha vó. Na minha casa sempre tinha aqueles paninhos bordados para enfeitar mesa, colcha de cama bordada. Então isso é um registro de memória que fez parte da minha criação, sempre eu tive essa relação mesmo que para mim aquilo eu não tinha a clareza mas tava ali. e aí quando eu chego para estudar e eu tenho essa afinidade muito forte com as artes, eu descubro essa questão das manualidades como uma arte tão especial, eu me encontro e acho que é muito especial. Esse contato com o bordado é como se fosse outro tipo de pintura. Eu tive um primeiro contato com a pintura, fiz terapia artística, trabalhei muito nesse ramo e pra

#### **11- Quais são suas principais referencias em relação ao bordado?**

Então aí tem as irmãs Drummond, que é uma grande referência mas no geral não tenho tanto conhecimento de pesquisa. Eu estou pesquisando mais essa área pedagógica mas não agora é assim com esse olhar pedagógico então eu não tenho muitas referências. As irmãs que eu tive mais contato, trabalhei com elas, acompanho o trabalho delas. Tem algumas amigas aqui da cidade que trabalham com bordados que são muito especiais mas de artista mesmo não tem muitos nomes.

